



## MASCULINIDADES NA ESCOLA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA NAS BASES EDUC@ E SCIELO ENTRE 2008 E 2018

**Lucas Périco** – [lukas.perico@gmail.com](mailto:lukas.perico@gmail.com)

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-1564-0815>

**Ricardo Desidério da Silva** – [contatodesiderio@hotmail.com](mailto:contatodesiderio@hotmail.com)

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0003-2779-2696>

**RESUMO:** O ambiente escolar apresenta grande diversidade de pessoas e está sujeito aos conflitos interpessoais, principalmente quando atrelados aos estereótipos de gênero, em especial a masculinidade numa perspectiva biológica, heteronormativa e machista em diversos contextos, inclusive na escola. Assim, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a masculinidade no contexto escolar através de artigos científicos no período entre janeiro de 2008 e setembro de 2018, disponíveis nas bases de dados Scielo e Educ@. O texto justifica-se por apresentar diferentes perspectivas sobre as masculinidades na escola a partir da produção científica dos últimos 10 anos em bases de dados de destaque. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sistemática utilizando palavras-chave (masculinidade; masculino; escola; escolar; ensino; gênero) para a busca nas bases de dados e sua categorização. Como resultado, encontraram-se 13 artigos científicos no total, correspondendo 8 na base Educ@ e 5 na base Scielo, que foram classificados em três grandes categorias: Violência e Homofobia, Estereótipos e Relações de Gênero, Formação de Professores; Por meio desses dados, notou-se a grande abordagem dos estereótipos e representações de gênero nos artigos e a pouca abordagem de aspectos relacionados à violência, homofobia e formação de professores. É inviável desvincular os processos discriminatório da escola com os estereótipos reforçadores de gênero que são enraizados na cultura humana. Como reflexão, sugere-se a produção de artigos com maior ênfase no processo formativo do professor e sua atuação, e nas reproduções violentas que ocorrem dentro da escola com desvios dos padrões heteronormativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Sexual; Masculinidades; Escola; Gênero.

### 1 INTRODUÇÃO

A diversidade de pessoas é um dos fatores mais marcantes no contexto escolar, principalmente, quando atenta-se aos fatores sociais e representações da sexualidade. Por isso, os conflitos são inevitáveis e já previstos, sendo considerados importantes mecanismos de construção da identidade de uma escola, além de proporcionarem momentos que podem ser reflexivos ou de manifestações de violência.

Conceber uma identidade social para uma unidade escolar não é tarefa fácil, já que a riqueza de personalidades e ideais é grande. Porém, é na sexualidade que podem ser observados padrões comportamentais e ideológicos, sendo estas, por concepções relacionadas ao gênero, por exemplo (FIGUEIRÓ, 2006). Isso se deve, em grande parte, ao fato de os alunos receberem uma educação sexual informal, que acontece na convivência com a família ou em outros ambientes fora da escola (SILVA,

2015).

É comum ouvir estereótipos de gênero a todo momento na escola, ainda mais quando são observadas as conversas dos estudantes mais novos. Há, visivelmente, uma reprodução de discursos aprendidos com os adultos. As brincadeiras, as cores, as roupas, os brinquedos, a maneira de falar e sentar-se, entre tantos outros fatores são atribuídos à gêneros pelos alunos e, algumas vezes, pelos docentes (DINIS & CAVALCANTI, 2008). E essas implicações fazem com que os estereótipos sejam reforçados e quem desvie desses de alguma maneira, seja visto com maus olhos.

Segundo Dinis e Cavalcanti (2008) a concepção binária de gênero, que inclui masculinidades e feminilidades, é enraizada nas sociedades há muito tempo. É muito comum ver pessoas expressando-se ou falando sobre a sexualidade num viés anatofisiológico, ou seja, que confunde sexo biológico com gênero, não distinguindo-os de modo teórico. E, segundo Berenice Bento (2011), aquelas pessoas que fogem a estes padrões preconceituosos e normativos,

[...] se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas. Esse processo de fuga do cárcere dos corpos-sexuados é marcado por dores, conflitos e medos (p. 551).

Claramente, o mundo sexual de cada indivíduo é intenso e não há distinções práticas entre sexo biológico, gênero e orientação sexual, embora seja visível que as pessoas valorizem alguns aspectos em detrimento de outros. Como resultado, há uma grande onda de estereótipos que são criados para os gêneros e que são reforçados a todo segundo pelo convívio social, mídias, documentos, expressões, etc (LOURO, 2000).

A sexualidade por meio das representações de gênero são comuns durante a trajetória da humanidade, principalmente pelo desenvolvimento da cultura por hábitos sedentários de habitação. É possível averiguar esse aspecto desde a Antiguidade, quando Lourdes Feitosa (2008) atrai a atenção para as representações artísticas, como esculturas, pinturas, grifos e objetos, que possuíam formas e cunho sexual que, nesse período histórico, foram consideradas manifestações comuns da cultura ocidental. E a autora diz que

[...] as discussões de gênero e sexualidade propiciam uma reflexão sobre nossas próprias relações, conceitos e valores e de como os olhamos na Antiguidade. Essa relação presente/passado significa, também, indagarmos a respeito de como os temas investigados e os seus resultados são frutos de formulações e interpretações históricas, que indicam escolhas políticas e buscam questionar ou ratificar determinadas situações e idéias (p. 135)

Para exemplificar a exaltação da imagem do homem viril e agente estruturador da sociedade

ocidental, cita-se o exemplo da cultura do “Falo”. Essa, advinda da cultura greco-romana e mal interpretada na atualidade, é a imagem de um pênis ereto, que teve grande representatividade, podendo ser encontrado em diversas edificações e objetos daquele período (DULAURE, 1998).

Como visto, segundo Feitosa (2010), a masculinidade, historicamente, fora hipervalorizada em vários contextos e fizeram dos personagens históricos, figuras dessa representação, tornando-os símbolos de força e poder. Neste quesito, a discussão torna-se ainda mais profunda pelo fato que o homem, dentro de cada contexto histórico, sempre teve seus direitos garantidos e privilégios em relação ao gênero feminino. Pode-se dizer, então, que a distinção de gênero é consolidada há muitos séculos ou até milênios pela cultura desenvolvida pelos seres humanos com as mudanças de hábitos de vida e configurações de sociedade.

Retornando à discussão do contexto escolar atrelada à fundamentação teórica de gênero, é viável detectar que padrões de gênero são existentes e reforçados nas relações interpessoais (RABELO, 2013). Neste trabalho, esse aspecto será abordado de forma mais completa pelos artigos científicos escolhidos, possibilitando inferir quais aspectos foram mais exaltados dentro da temática das masculinidades no contexto escolar.

O objetivo do presente trabalho é elaborar uma revisão bibliográfica sobre a masculinidade no contexto escolar a partir de trabalhos científicos no período entre 2008 e 2018, disponíveis nas bases de dados mais utilizadas e de livre acesso na área da sexualidade e educação, como Scielo e Educ@. Também, quantificar e categorizar os estudos referentes à masculinidade na escola, de modo a distingui-los por temáticas específicas (representações de gênero, violência, etc).

Justifica-se a importância deste trabalho para o contexto acadêmico no sentido em que se propõe a trazer diferentes perspectivas sobre as masculinidades na escola e clarificar a produção científica dos últimos 10 anos em bases de dados de destaque. Desta forma, este torna-se necessário para nortear quais as questões abordadas na temática e as que se apresentam de forma reduzida ou ausente.

O método de trabalho escolhido foi a revisão bibliográfica sistemática que, segundo Pai et al (2004), se baseia numa pesquisa abrangente, de modo que os critérios de busca e seleção sejam bem definidos e com possibilidade de reprodução, além de que os resultados possam ser analisados de acordo com um método explícito e previamente determinado. Também, o mesmo autor, reitera que a utilização dessa metodologia favorece uma pesquisa com menor teor de subjetividade, permitindo com que se trabalhe com as ideias dos próprios autores dos artigos e elaborando um texto, de fato, que revise o apanhado de dados obtidos. E, neste sentido,

[...] Ao viabilizarem, de forma clara e explícita, um resumo de todos os estudos sobre determinada intervenção, as revisões sistemáticas nos permitem incorporar um espectro

maior de resultados relevantes, ao invés de limitar as nossas conclusões à leitura de somente alguns artigos (SAMPAIO; MANCINI, 2007)

Para identificar e especificar os trabalhos científicos com a temática da masculinidade na escola, de modo a não englobar outras temáticas, foram utilizadas as palavras-chave: masculinidade; masculino; escola; escolar; ensino; gênero. Estes termos foram escolhidos por serem os mais próximos do que se desejava encontrar, podendo estar presentes no título, resumo e/ou palavras-chave indicadas pelo autor de cada trabalho. Também, especificou-se o período temporal destes trabalhos, sendo entre janeiro de 2008 e setembro de 2018, no intuito de obter-se um intervalo de dez anos.

Através dos mecanismos de coleta de dados previamente estabelecidos, foram identificados artigos na base Educ@ e na base Scielo. As categorias foram criadas a partir de uma leitura prévia dos resumos, numa totalidade, permitindo reconhecer as principais informações presentes nestes trabalhos. Ou seja, considera-se a classificação dos artigos *a posteriori*.

A categorização *a posteriori*, de acordo com Franco (2008), se caracteriza em criar categorias a partir do conjunto de dados coletados, sendo necessário observar com mais atenção os dados como um todo na tentativa de agrupá-los ou diferenciá-los de alguma maneira. Ou seja,

[...] o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo, etc (FRANCO, 2008, p.60-61).

Para a criação das categorias de análise, alguns passos são fundamentais: estar em posse dos resumos com título e palavras-chave, organizá-los de acordo com o interesse da pesquisa, identificar as temáticas que irão constituir cada categoria, criá-las, e conseqüentemente, quantificar o número de respostas para cada categoria. O critério de categorização foi o léxico, que se baseia na classificação por palavras de acordo com o sentido atribuído às categorias (FRANCO, 2008). Além disso, neste trabalho, cada artigo científico se encaixou em apenas uma categoria, considerando então, que as categorias são excludentes.

Todo esse processo de categorização é fundamental para que se classifique e analise os dados de forma mais específica, utilizando a bibliografia desejada para cada temática e o enfoque do pesquisa seja possível.

Neste sentido, o texto discorrerá em sua fundamentação teórica a partir das três categorias identificadas. Em “Violência e Homofobia” aponta-se para os desvios de padrões e estereótipos de gênero impostos na/pela sociedade. Denota-se também em “Formação de Professores” a escassez de trabalhos científicos sobre a temática. E por fim, em “Estereótipos e Relações de Gênero” somos levados a uma reflexão a partir da estereotipização dos indivíduos no contexto escolar.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Foram identificados 13 artigos científicos (Tabela 1), sendo 8 na base Educ@ e 5 na base Scielo, que foram classificados em três grandes temas/categorias: Violência e Homofobia; Estereótipos e Relações de Gênero; Formação de Professores. Estas classificações representam as temáticas centrais dos artigos, de modo que se tangenciem outros assuntos como secundários. Como resultado, obtiveram-se dois artigos na categoria Violência e Homofobia, 9 artigos em Estereótipos e Representação de Gênero, e dois artigos na categoria Formação de Professores.

**Tabela 1** – Artigos científicos nas bases Educ@ e Scielo

Título do Artigo	Autor/a/es	Localização da base	Palavras-chave	Tema/Categoria
“Mind the trap”: o menino, a escola e a folha de alface	Fernando Seffner; Luciano Ferreira da Silva	Educ@	Escola; Currículo; Gênero; Masculinidades; Desempenho escolar	Estereótipos e Representações de Gênero
Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos	Adriano Souza Senkevics; Marília Pinto de Carvalho	Scielo	Rendimento escolar; Feminilidades; Masculinidades; Sociologia da infância	Estereótipos e Representações de Gênero
Cenas etnográficas para entender representações de masculinidades na escola	Luciana Borre Nunes	Educ@	Cultura visual; Escola; Masculinidades; Etnografia	Estereótipos e Representações de Gênero
Dois olhares sobre masculinidades no ambiente escolar: Brasil e Espanha	Carmen Galet; Fernando Seffner	Educ@	Escola; Educação; Gênero; Masculinidade; Identidade	Formação de Professores
Escola, homossexualidades e homofobia: lembrando experiências na educação física escolar	Vagner Matias do Prado; Arilda Ines Miranda Ribeiro	Educ@	Educação Física Escolar; Homossexualidades; Homofobia	Violência e Homofobia
Expressões da sexualidade: estudo a partir da construção da masculinidade em estudantes do ensino médio	Rinaldo Correr; Ana Paula Vianna de Souza	Educ@	Masculinidade; Sexualidade; Adolescente; Gênero; Psicologia	Estereótipos e Representações de Gênero
Famílias, masculinidades e racialidades na	Marcio Caetano; Paulo Melgaço da Silva Junior; Treyce	Educ@	Currículo; Decolonialidade; Arranjos familiares;	Estereótipos e Representações de Gênero

escola: provocações <i>queer</i> e decoloniais	Ellen Silva Goulart		Raça; Masculinidades	
Fazendo gênero na escola: uma análise performativa da negociação do gênero entre jovens	Maria do Mar Pereira	Scielo	Gênero, Performatividade, Jovens, Escola, Etnografia	Violência e Homofobia
Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes	Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato	Scielo	Orientação sexual na escola; masculinidade; feminilidade; gênero; educação	Formação de Professores
Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola	Helena Altmann	Scielo	Gênero; Esporte; Masculinidades; Feminilidades	Estereótipos e Representações de Gênero
Rapazes negros e pobres na educação de jovens e adultos: um estudo sobre a relação entre masculinidades e raça	Rosemeire dos Santos Brito	Educ@	Gênero; Raça; Juventude(s).	Estereótipos e Representações de Gênero
Representações de masculinidades latentes em aulas de física do ensino médio	Josimeire M. Julio; Arnaldo M. Vaz	Educ@	Representações de masculinidade; Ensino de física; atividades investigativas.	Estereótipos e Representações de Gênero
Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil	Osmundo Pinho	Scielo	Masculinidades, Escola, Identidades sociais, Raça, Desigualdades	Estereótipos e Representações de Gênero

Fonte: organizada pelos autores

Tanto os artigos da base Educ@, quanto da Scielo, apresentam artigos de todas as temáticas selecionadas. Para destinar cada artigo, exclusivamente, à uma categoria foi necessário rever as informações do resumo em que havia os termos ou ideias centrais de cada uma. Assim, foram contabilizadas as categorias, de modo que nenhum artigo se repetisse em outra categoria, sendo computado apenas uma vez.

A categoria Violência e Homofobia contém artigos que abordam o reforço das masculinidades na escola e seus impactos, que geram episódios de violência a partir de discursos e atitudes opressoras, como a homofobia; a categoria Estereótipos e Representações de Gênero apresenta artigos que apontam os reforços da masculinidade na escola por meio de estereótipos institucionais, além do destaque às representações de gênero heteronormativas, machistas e racistas, que impossibilitam a singularidade dos

indivíduos; a categoria Formação de Professores traz artigos em que a questão do reforço das masculinidades na escola pode estar atrelada aos docentes, que muitas vezes não estão preparados para atuar de maneira a garantir a igualdade de gênero e evitar discursos normativos.

Para tornar a apresentação dos resultados mais ilustrativa, foi elaborada uma tabela que representa toda designação dos artigos em suas categorias mais adequadas. Segue abaixo.

**Tabela 2** – Quantidade de artigos nas bases de dados Scielo e Educ@ de acordo com a temática específica abordada

	Scielo	Educ@
Violência e Homofobia	1	1
Estereótipos e Representações de Gênero	3	6
Formação de Professores	1	1

Fonte: organizada pelos autores

Após os resultados encontrados, é possível notar que há grande abordagem dos estereótipos e das representações de gênero em artigos sobre a masculinidade na escola, de modo que a violência, homofobia, formação de professores e tantas outras abordagens, tornam-se pouco abordadas. A partir disso, é possível inferir que isto se deve à grande tendência da abordagem de gênero atrelada às representações e estereótipos na última década, temática impulsionada após a Revolução Sexual, os movimentos feministas e ao desenvolvimento da Educação Sexual (SILVA, 2015).

Outro aspecto importante, é que as representações de gênero são facilmente vistas nas escolas pelo comportamento e discursos de alunos, professores e funcionários, sendo um objeto de estudo possível e mais viável por pesquisadores, principalmente se feitas a partir de métodos como entrevistas e questionários (LOURO, 1997). Deste modo, essa justificativa torna-se plausível para o grande número de artigos nesse enfoque das representações de gênero e estereótipos em detrimentos dos outros temas.

Para melhor esmiuçar a discussão deste trabalho, a mesma será dividida por temáticas de acordo com as categorias criadas nos resultados e, posteriormente, será apresentada uma finalização que contemple todas as informações trazidas. Toda discussão será baseada nos próprios artigos encontrados, já há um número reduzido de trabalhos encontrados e a proposta deste artigo é articular uma discussão teórica sobre masculinidade e escola. Desta maneira, irá tentar-se manter uma relação teórica e uma ‘conversa’ científica entre os dados obtidos.

## 2.1 VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA

Os desvios de padrões e estereótipos de gênero são, numa perspectiva de senso comum, vistos como negativos para a manutenção de uma sociedade, já que fogem do comum e singularizam os indivíduos. Dessas pontuações, é possível visualizar episódios de violência de gênero, que podem se

desdobrar às outras questões, como a homofobia. Ou seja, a não aceitação da normatização de gênero faz com que algumas sejam marginalizadas e tornem-se vítimas da hostilidade alheia.

Nesse contexto, o estudo de Prado e Ribeiro (2016) que se fundamentam a partir dos estudos de gênero e da teoria *queer* pôde, através de relatos de homossexuais sobre aulas de Educação Física, investigar que sexualidades que fogem dos padrões heterossexuais são estigmatizadas e colocadas como inferiores. Essa situação implica em atos preconceituosos e redução das livres expressões de ser, corroborando à ideia de que as práticas esportivas são grandes reforçadoras do processo de construção cultural das masculinidades e feminilidades, colocando as homossexualidades numa posição desvalorizada.

Os autores Prado e Ribeiro (2016), ainda, apontam um posicionamento com base na narrativa de um colaborador, em que se diz que

[...] uma prática esportiva predominantemente associada ao universo masculino, a presença de um sujeito que não expresse a masculinidade padrão compartilhada por determinado grupo aciona mecanismos de marcação de diferenças sociais que tendem a rechaçá-lo e registrar seu não pertencimento a determinado contexto. O sujeito construído como “diferente” passa então a ser policiado e, não raro, proibido de acessar espaços comuns ao grupo. Caso sua presença seja “necessária”, motivada por algum interesse maior, como completar o número de jogadores de um time para que o jogo ocorra, a tolerância é instaurada, mas que essa seja constantemente marcada pela abjeção que materialize a diferença do sujeito para com seu grupo (p. 100)

O gênero, como construção sócio-histórica e mediador de muitos comportamentos humanos baseados na postura em sociedade, necessita de uma abordagem reflexiva. Quando é objeto de uma problematização teórica e considerado tema importante da sexualidade, é alvo das transformações e reconstruções causadas pelas interações sociais. Por tais motivos, no estudo de Pereira (2009) há a apresentação e utilização da abordagem performativa, que é um instrumento útil de problematização de gênero e de análise crítica de modelos teóricos. No aspecto científico de pesquisa, se diz que este método

[...] implica problematizar a forma como a sucessão de performances contribui para a genderização dos corpos e cristalização ou transformação dos padrões de gênero considerados «normais». Implica também examinar o modo como os discursos sobre a «normalidade» e «naturalidade» dessas representações camuflam o seu carácter performativo (p. 116)

## 2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Um aspecto pouco abordado nos trabalhos científicos é a influência do docente no reforço dos gêneros, como a masculinidade, dentro do contexto escolar. Muito se fala dos aspectos sociais, como os

alunos reforçam estereótipos, das representações de gênero, entre outros temas, porém a formação do professor pode ser um fator determinante para que preconceitos sejam possíveis dentro da sala de aula. Em outras palavras, também é papel do professor mediar situações conflitantes de gênero, não devendo reforçar padrões e menosprezar a diversidade sexual.

Galet e Seffner (2016) dizem que a sala de aula é um espaço de construção do gênero, principalmente no aspecto da masculinidade, além de salientar que a virilidade, tão valorizada em relações sociais, se torna diferente entre homens e mulheres, gerando questionamentos sobre as diferentes formas de ser homem. Neste sentido, os autores trazem que a formação de professores é importante para atuar sob essas concepções de gênero estigmatizantes, já que a escola é um espaço de conflito de ideias, ou seja, o professor deve ser o agente mediador de discussões acerca da temática, permitindo com que os alunos reflitam sobre.

A importância da formação do professor para a sexualidade é fundamental para que a diversidade sexual seja valorizada na escola, mas qual a visão e ideia de gênero eles compartilham com os alunos? O estudo feito por Rosistolato (2009) traz essa questão, apontando que alguns professores têm uma visão moderna das representações de gênero. Porém, no mesmo estudo, foi possível observar que muitas professoras ainda apresentavam uma perspectiva tradicional de gênero, transpondo valores tradicionais e situações cotidianas que tinham dentro de suas famílias para a sala de aula, viabilizando um paradoxo entre o ideal e o que realmente faziam. É possível observar esse fato em relação à escolha delas pela profissão, reforçando os preceitos tradicionais do gênero feminino, no sentido em que

[...] É possível ser professora pela manhã, sem deixar de ser esposa e mãe durante o resto do dia, o que ameniza possíveis conflitos ocasionados pela opção feminina pelo trabalho fora do lar. Além disso, a profissão é vista como uma extensão do trabalho feminino dentro do lar: o cuidado e a educação das crianças (ROSISTOLATO, 2009, P. 15).

A educação sexual na escola e o reforço dos estereótipos de gênero são fatores que, mesmo ideologicamente não compatíveis, podem se relacionar como se fossem complementares. É comum, como já visto no estudo de Rosistolato (2009), apresentar uma discussão de gênero enviesada pelos próprios valores do professor e até dos modelos tradicionais que, historicamente, foram valorizados em detrimento de outros, deixando de lado outras possibilidades de entender-se como indivíduo. Desta forma, é necessário que os professores sejam bem formados para atuar com segurança e coerência, discernindo entre as fundamentações teóricas mais apropriadas para o contexto escolar, permitindo o diálogo amplo com seus alunos.

### 2.3 ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Num contexto amplo e diversificado de relações interpessoais, é muito provável que na escola haja um processo intenso de estereotipização dos indivíduos, principalmente em momentos das quais as diferenças são colocadas em pauta. É comum cenas e episódios de exaltação das diferenças e aproximação de pessoas que se consideram semelhantes no aspecto em foco. Isso corrobora à perpetuação dos estereótipos tão enraizados nas sociedades, abrindo caminho para preconceitos e processos discriminatórios.

O que é ser homem ou mulher? Não existe, absoluto e unicamente, uma definição que seja neutra e enviesados de contextos socioculturais. O gênero não é isento dos estereótipos e, entre muitas ponderações, pode ser definido por meio de padrões definidos por cada contexto que está incluso. Ou seja, o gênero pode ser interpretado como um conjunto de características estereotipadas que se repetem nos indivíduos, podendo ser essas, físicas, comportamentais, expressivas, etc.

Fatores que influenciam o gênero, como os sociais (posição social), culturais (etnias) e econômicas são fundamentais para compreender a problemática das questões de gênero, no sentido que múltiplos aspectos influenciam como as pessoas enxergam as formas e relações pessoais.

No trabalho de Brito (2016), o reforço do gênero masculino ou da masculinidade é relacionado com conceitos como juventude e raça no intuito de acessar símbolos culturais nos discursos dos alunos, que, provavelmente, compõem masculinidades em sua relação com o rendimento escolar. E durante a análise dos resultados, foi possível observar que muitos alunos compartilhavam concepções de gênero de acordo com a expectativa que tinham acerca do modelo de homem que apresentava maior aceitação nas escolas, além de que havia uma incorporação do padrão marginalizado por parte dos rapazes negros, pelo fato de suas corporeidades representarem o símbolo e fonte de expressão da masculinidade.

Nesse viés, Pinho (2013) aponta que as problemáticas de gênero são importantes no que se refere à construção das identidades raciais em contextos populares e, especialmente, a relação dos jovens com a escola. No seu trabalho, o autor traz que a masculinidade na escola é permeada pela posição social de homens negros, já que há “um quadro de contrastes entre a inserção masculina e feminina para jovens entre 18 e 24 anos, que conformaria a hipótese de que os rapazes têm pior desempenho escolar, porque estariam sendo puxados precocemente pelo mercado de trabalho” (PINHO, 2013, p. 236-237). Pode-se dizer que, tanto o trabalho de Brito (2016) e Pinho (2013) viabilizam uma reflexão mais aprofundada sobre as representações e estereótipos de gênero no sentido que elencam tantos outros elementos que compõem a problemática, como os aspectos acerca da desigualdade racial no Brasil, permitindo salientar a complexidade da mesma.

Outros aspectos como as noções de família também podem ser considerados quando aborda-se

a masculinidade na escola, já que a educação informal também faz parte do processo de construção do conhecimento individual. Os alunos vêm munidos de concepções que, muitas vezes, são compartilhadas em seus contextos familiares e fazem parte de suas próprias organizações, o que impacta as relações entre indivíduos que têm realidade muito distintas. Como intervenção, o trabalho de Caetano et al. (2016) traz a problematização sobre as noções de família e propõe novos modelos para os alunos, de modo que eles pudessem refletir acerca das formas heteronormativas e masculinizadas que foram ensinados. Durante a pesquisa, os autores trouxeram que a heteronormatividade fora comum na fala dos estudantes, como no trecho

[...] Ainda que, em geral, na localidade em que se insere a escola, os arranjos familiares fossem distintos daquele preconizado pela colonialidade judaico-cristã e burguesa (pai, mãe e prole), eles eram encarados como ilegíveis aos/as estudantes. Para eles(as), o arranjo que não respeitasse o que era prescrito no modelo tradicionalmente apresentado não era legítimo (CAETANO et al, 2016, p 134).

Os padrões comportamentais e corpóreos são grandemente valorizados na escola, de forma que os alunos se sentem na necessidade de encaixarem-se nestes ou, provavelmente, serão alvo de discriminação. Nos trabalhos de Julio e Vaz (2009), Correr e Souza (2015), Nunes (2016) e Altmann (2015) é possível identificar diversos aspectos relacionados aos estereótipos generificados, ou seja, as análises trazem que os discursos dos alunos são carregados de discriminações de gênero. Isso implica no fortalecimento das discrepâncias do que é ser masculino ou feminino, deixando clara a crença que existem atributos de homem e de mulher, além de perpetuar a concepção binária de gênero.

Como desdobramento das exigências sobre o que é ser masculino, é comum que o menino tenha sempre um papel social. Esse, fruto do machismo e da heteronormatividade, produz o homem que deve ser bom em seus afazeres do trabalho, que viva sua cultura juvenil, ocupe-se com a preparação para o futuro e esteja sempre pronto para corresponder aos planos familiares que lhe foram atribuídos (SEFFNER, SILVA, 2016). Em contrapartida, a performance social da mulher é baseada na disciplina e responsabilidade para que corresponda às expectativas sociais de manutenção dos lares, sendo que há inúmeras restrições que elas sofrem dentro e fora da contexto familiar (SENKEVICS, CARVALHO, 2015). Esse contraste tão marcante, permite visualizar como os modelos de gênero são engessados e perpassam gerações nas sociedades, mesmo com mudanças nos aspectos socioculturais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à importância ao assunto, torna-se ilusório desvincular os processos discriminatórios do contexto escolar com os estereótipos reforçadores de gênero que são enraizados na cultura humana. A

escola é um espaço rico de culturas e pensamentos, sendo inevitável o confronto de singularidades que fujam dos padrões impostos historicamente. Nesse sentido, se faz necessário que professores, gestores e funcionários das escolas estejam engajados na luta à favor da diversidade, promovendo momentos de autorreflexão nos alunos e incentivando ações inclusivas.

Foi possível identificar assim, a partir das análises dos artigos selecionados, que a masculinidade na escola está, grande parte das vezes, vinculada aos estereótipos de gênero trazidos pelos alunos e desfoca a atenção na formação de professores. É de suma importância a produção de artigos que tragam a questão do professor como mediador e protagonista da construção de práticas que reduzam os processos discriminatórios de gênero e reforço dos estereótipos. Afinal, o docente é a figura que passa o maior tempo com os alunos dentro da sala de aula e, certamente, estabelece relações mais concretas com os mesmos.

Além disso, nos artigos mencionados sentiu-se falta de estabelecer relações estritas entre a homofobia e a maneira como as pessoas lidam com a masculinidade nos contextos sociais, já que o homem modelo é passível de sofrer marginalização se desviar dos moldes heteronormativos. Ou seja, as figuras masculinas e femininas apresentam expectativas sociais de comportamento e atribuições específicas, sendo estas, de uma perspectiva de senso comum, fazendo com que as concepções binárias de gênero se fortaleçam.

Desse modo, a reflexão trazida nesse trabalho é essencial para compreender-se como as masculinidades são estigmatizadas e passíveis de julgamentos em sociedades heteronormativas, patriarcais, machistas e/ou preconceituosas, tendo a escola como ambiente propício para a manutenção e incorporação desses ideais. Como forma de intervenção e proposta de pesquisa, sugere-se a produção de mais artigos que abordem a temática da formação de professores para combater preconceitos e perpetuação dos estereótipos de gênero relacionados à masculinidade, de modo à contribuir positivamente para a comunidade científica e acadêmica. Também, espera-se que a produção científica nas bases escolhidas no que se refere à gênero e masculinidades aumente, pelo fato de que o machismo e a heteronormatividade também afeta pessoas que se denominam do gênero masculino.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p.665-668, maio/ago. 2016.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Rapazes negros e pobres na educação de jovens e adultos: um estudo sobre a relação entre masculinidades e raça. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 20, n. 2, p. 224-233, maio-ago 2016.

CAETANO, Marcio; JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva; GOULART, Treyce Ellen Silva. Famílias,

masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais. *Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 25, n. 45, p.127-146, jan. 2016.

CAVALCANTI, Roberta Ferreira; DINIS, Nilson Fernandes. *Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia*. Pro-posições, Campinas, v. 19, n. 2, p.99-109, 2008.

CORRER, Rinaldo; SOUZA, Ana Paula Vianna de. Expressões da sexualidade: estudo a partir da construção da masculinidade em estudantes do ensino médio. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, Bauru, v. 10, n. 6, p.1-16, 01 jan. 2016.

DULAURE, Jacques-Antonie. *O culto do Falo*. Lisboa, Editora Hugin, 1998.

FEITOSA, Lourdes M. G. Conde. *Cinema e arqueologia: Leituras de gênero sobre a Pompéia Romana*. Niterói, v. 10, n. 2, p. 257-271, 2010.

FEITOSA, Lourdes M. G. Conde. Gênero e Sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.

FIGUEIRÓ, Maria Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p.1-21, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

GALET, Carmen; SEFFNER, Fernando. Dois olhares sobre masculinidades no ambiente escolar: Brasil e Espanha. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, v. 11, n. 2, p.767-782, abr. 2016.

JULIO, Josimeire M.; VAZ, Arnaldo M. Representações de masculinidades latentes em aulas de física do ensino médio. *Revista Brasileira Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 505-520, Dez. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NUNES, Luciana Borre. Cenas etnográficas para entender representações de masculinidades na escola. *Educação (UFES)*, Santa Maria, v. 41, n. 2, p.483-494, 21 jul. 2016.

PAI, M. et al. Revisões sistemáticas e metanálises: um guia ilustrado, passo a passo. *The National Medical Journal of India*, vol. 17, no. 2, pp. 86-95, 2004. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15141602>. Acesso em: 03 dez 2018.

PEREIRA, Maria do Mar. Fazendo gênero na escola: uma análise performativa da negociação do gênero entre jovens. *Ex aequo*, Vila Franca de Xira, n. 20, p. 113-127, 2009.

PINHO, Osmundo. Um Enigma Masculino: Interrogando a Masculinidade da Desigualdade Racial no Brasil. *Universitas Humanística*, v. 77, n. 77, p.227-250, 27 mar. 2014.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, homossexualidades e homofobia: lembrando experiências na educação física escolar. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p.97-114, 01 abr. 2016.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 4, p.907-925, dez. 2013.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 17, p.11-30, jan./abr. 2009

SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano Ferreira. “Mind the trap”: o menino, a escola e a folha de alface. *Revista Educação (PUCRS Online)*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 393-403, set-dez. 2016

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, n. 158, p.944-968, out./dez. 2015.

SILVA, Ricardo Desidério. *Educação audiovisual da sexualidade: olhares a partir do kit Anti-Homofobia*. 2015. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

***Title***

Masculinities at school: a systematic bibliographic review in the Educ@ and Scielo bases between 2008 and 2018.

***Abstract***

The school environment presents a great diversity of people and is subject to interpersonal conflicts, especially when linked to gender stereotypes, especially masculinity in a biological, heteronormative and sexist perspective in several contexts, including at school. Thus, the present work aims to carry out a bibliographic review on masculinity in the school context through scientific articles in the period between January 2008 and September 2018, available in the Scielo and Educ @ databases. The text is justified by presenting different perspectives on masculinities in school from the scientific production of the last 10 years in prominent databases. This is a systematic bibliographic search using keywords (masculinity; male; school; school; teaching; gender) to search the databases and categorize them. As a result, 13 scientific articles were found in total, corresponding to 8 in the Educ @ database and 5 in the Scielo database, which were classified into three major categories: Violence and Homophobia, Stereotypes and Gender Relations, Teacher Education; Through these data, it was noted the great approach to stereotypes and gender representations in the articles and the little approach to aspects related to violence, homophobia and teacher training. It is not feasible to separate the school's discriminatory processes from the gender-reinforcing stereotypes that are rooted in human culture. As a reflection, it is suggested to produce articles with a greater emphasis on the teacher's training process and his performance, and on the violent reproductions that occur within the school with deviations from heteronormative standards.

***Keywords***

Sex Education; Masculinities; School; Genre.

---

Recebido em: 09/09/2019.

Aceito em: 03/02/2020.